



CARREIRA

Eles fazem a diferença

UNIVERSITÁRIOS INVESTEM NA CARREIRA DESDE CEDO E ESTÃO A UM PASSO DO SUCESSO

Flávia Saad
Da Redação

Tem gente que já está brilhando na profissão mesmo antes de terminar a faculdade. Tirar boas notas, não faltar nas aulas e fazer todos os trabalhos é o suficiente para ser um bom aluno. Mas alguns universitários preferem dar um gás ainda durante o curso – seja na iniciação científica ou no mercado de trabalho – e acabam se destacando em suas áreas.

Conheça as histórias de três estudantes que são feras no que fazem e a de um profissional que começou a trabalhar bem cedo e hoje alça voos bem mais altos no Jornalismo.

Gabriel Estevam Domingos, de 22 anos, teve que vender seu peixe para uma sala cheia de executivos de uma grande empresa holandesa de estocagem e manuseio de produtos químicos, gases e óleos vegetais.

Aluno do segundo ano de Engenharia Ambiental do Centro Universitário Monte Serrat (Unimonte), ele participou de um concurso chamado Battle of Concepts. Esse programa surgiu na Holanda para promover a produção de conhecimento a partir de problemas reais vividos em corporações também reais.

Com um projeto que revelou um complexo sistema de aquecimento rápido de líquidos, visando transferir somente parte do volume aos caminhões, sem alterar as especificações do produto, o rapaz levou não só o primeiro lugar na iniciativa como também faturou R\$ 5 mil. Mas não foi fácil chegar até lá.

Para desbancar alunos e profissionais gabaritados de todo o País, o universitário se dedicou à iniciativa ao longo de 20 dias, por aproximadamente três horas diárias, contando também com a ajuda de professores da instituição na concepção de sua ideia. “Tive que estudar, pensar e me dedicar muito para construir meu plano, que constava de diversas etapas, como memorial descritivo, planilha de custos e equipamentos”.

Ganhar foi uma surpresa total para Domingos: “Quando recebi o e-mail com o ranking que dizia que eu tinha conquistado a melhor colocação e o Unimonte era a única faculdade da Baixada Santista entre as dez primeiras, não acreditei!”.

Como parte da premiação, o futuro engenheiro foi convidado a visitar a sede da empresa em Santos, conhecer a infraestrutura da unidade regional e recebeu das mãos do presidente da organização um certificado de reconhecimento.

Sobre a sensação de ter que apresentar seu projeto para um gestor que nem a língua portuguesa dominava, o estudante foi enfático. “Tive muito medo e achei que seria bombardeado pelos engenheiros, mas assim que cheguei, eles me tranquilizaram e correu tudo bem”.



Daniel Maia Silveira faz Farmácia na Universidade Católica de Santos (UniSantos). Antes disso, já tinha feito Engenharia Elétrica. Já na primeira faculdade, começou a trilhar o caminho da iniciação científica.

Agora, como bolsista do programa da universidade, ele está, desde agosto, à frente de um estudo inédito no Brasil sobre a utilização de uma planta popularmente chamada de “falsa arnica”. Ela cresce nas comunidades próximas à Mata Atlântica e ficou conhecida pela sua ação cicatrizante.

Com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), USP e da própria faculdade, Silveira pretende analisar a planta cientificamente e

orientar a comunidade sobre seus usos e funções.

O estudo preliminar que deu origem a esse levantamento já deu frutos: foi aceito pela Sociedade Botânica de São Paulo. O aluno vai apresentar a pesquisa no congresso do órgão no final de outubro. “Vai ser uma ótima porta de entrada para o mundo acadêmico, para que a comunidade conheça meu trabalho”.

Nos próximos 12 meses, ele vai estudar o elemento para fazer a identificação botânica e do princípio ativo, quantificar medidas, aplicar os testes e realizar a análise estatística para confirmar o efeito de cicatrização na planta.

O estudante não esconde a empolgação com mais essa oportunidade na área acadêmica. “Quando entrei na área de Farmácia, procurei um curso que me levasse para a pesquisa, daí encontrei aqui na UniSantos esse ambiente propício para trabalhar com a pesquisa científica. Fazer a Iniciação Científica abre muitas portas, agrega muito na minha carreira, pois minha ideia, no futuro, é fazer pós-graduação, mestrado e doutorado”.



“

Tive que estudar, pensar e me dedicar muito para construir meu plano



“

Tem que correr atrás, mandar e-mail, divulgar o que a gente fez



“

Fazer a Iniciação Científica abre muitas portas, agrega muito na minha carreira

No último ano do curso de Farmácia da Unisanta, **Flávia Gomes Illa Ornelas** tem currículo de dar inveja. Com o colega Leandro Molina, desenvolveu, desde o segundo ano do curso, uma pesquisa sobre a planta conhecida como taboa, abundante em regiões de manguezais. “Estudamos a eficácia do uso da raiz dessa planta no tratamento da úlcera”, conta a formanda.

O resultado surpreendeu: eles diagnosticaram que o remédio elaborado com o extrato da raiz deu mais resultados positivos do que os que estão disponíveis no mercado. A Unisanta ajudou a viabilizar os experimentos, disponibilizando os laboratórios e parte do material. “Só compramos as cobaias”, lembra Leandro, que tem bolsa do ProUni.

A ideia, que surgiu após assistirem a algumas apresentações de TCC, virou o trabalho de conclusão de curso da dupla e já rendeu participações em diversos congressos e workshops espalhados pelo País.

Com o projeto debaixo do braço, eles foram à luta. “Tem que correr atrás, mandar e-mail, divulgar o que a gente fez”, explica Flávia. Entre os muitos e-mails, uma resposta: os dois conseguiram um estágio no laboratório da USP, já que o projeto possibilitou a experiência na área. Era o que a coordenadora de lá estava precisando.

Aos 21 anos, Flávia e Leandro estão a um passo de conquistar uma vaga para cursar o mestrado na universidade. A coordenadora do laboratório da USP aceitou orientá-los e a prova que os separa do grande sonho acontece em fevereiro de 2011. “O bom é que a gente apresenta o TCC e tem as férias para ralar bastante!”, diz a estudante, que é de São Bernardo do Campo, região do grande ABC paulista.

Leandro, natural de Barra Bonita, Interior de São Paulo, acompanha a amiga no sobe e desce diário para a Capital. “O estágio não é remunerado e nós pagamos o transporte também. Mas, está valendo a pena!”, conta a – com sorte e muito estudo – futura mestranda.

Odinei conta como chegou lá

Glauco Braga
Subeditor

Tudo começou num campo de futebol desenhado com giz e ocupado por times de botão. Tudo isso no chão do quarto. A inspiração vinha das ondas do rádio, que traziam até Itanhaém jogos nas vozes de Rinaldo Costa, José Silverio, Cleidir Oliveira e Luiz Roberto. Estava iniciada a trajetória do jornalista e narrador Odinei Ribeiro, atualmente no canal Sportv. Ele é formado em Jornalismo pela Unisanta.

“No campo da giz, comecei as minhas narrações. Ganhei do meu pai um Estrelão (campo de futebol de botão) empenado e consegui desempenar. Aquele era o meu Maracanã, minha Vila Belmiro”, disse.

A carreira no rádio aconteceu como um gol no último minuto do jogo. Isso no ano de 1991. Odinei, que integrava um time de futebol amador na cidade, ficou doente no dia da decisão e tinha, então, que assistir tudo do lado de fora. Pegou um gravador antigo e fez a narração de toda a partida. Chamou a atenção da criança e de um funcionário da Rádio Anchieta de Itanhaém. “Fui até a rádio e lá me falaram que eu tinha muito o que melhorar. Comecei a narrar o campeonato amador e depois jogos do Santos no Campeonato Brasileiro”.

